

A PESSOA COM AUTISMO: O CASO TEMPLE GRANDIN SOB A ÓTICA DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

THE AUTISTIC PERSON: THE CASE OF TEMPLE GRANDIN FROM THE VIEWPOINT OF LOGOTHERAPY AND EXISTENCIAL ANALYSIS

Bruna Soares Pires

Universidade Federal do Maranhão

Tatiana Oliveira Carvalho

Instituto Geist

Resumo. Apresenta-se uma visão sobre a pessoa com autismo à luz da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl. Utilizou-se da metodologia de *case*, cujo caso foi elaborado a partir de dados biográficos de Temple Grandin, uma autista mundialmente conhecida. Buscou-se refletir acerca das vivências, realizações, valores e atitudes de Temple, diante das situações que a vida lhe apresentou, demonstrando que, apesar do autismo, ela pode ser compreendida em sua singularidade. Foi possível concluir que a Logoterapia e Análise Existencial oferece uma contribuição ímpar ao estudo e trabalho com autistas, por apresentar uma visão de pessoa que ressalta o seu caráter de unicidade, além de resgatar o seu caráter de humanidade.

Palavras-chave: Autismo; Logoterapia e Análise Existencial; Viktor Frankl; Temple Grandin.

Abstract. This paper presents an insight about the autistic Person in the light of Logotherapy and Existential Analysis from Viktor Frankl. It was used the method of teaching cases, which case was developed from biographical data of Temple Grandin, a worldwide renowned autistic. The aim is to reflect on the experiences, achievements, values and attitudes of Temple, facing situations that life presented her, demonstrating that although autistic, she can be understood in her uniqueness. The conclusion was that Logotherapy and Existential Analysis offers an unparalleled contribution to the study and work with autistics by presenting a vision of person that emphasizes its oneness character, besides rescuing its human character.

Keywords: Autism; Logotherapy and Existencial Analysis; Viktor Frankl; Temple Grandin.

Desde a década de 1910, com os estudos de Bleuler, e depois na década de 40, com os estudos de Leo Kanner e Hans Asperger, o autismo vem despertando interesse – seja pelo aparente desprendimento dos autistas em relações sociais, seja por uma fala muitas vezes não comunicativa, seja por seus comportamentos estereotipados e repetitivos.

Muito já foi estudado e descoberto em relação à etiologia e características. Contudo, o autismo continua a exercer um misto de fascínio e dúvida: por aparentemente rejeitarem relações sociais e contato afetivo, por muito tempo a sociedade pensou o autista enquanto um não-sujeito, que é incapaz de amar ou de ter empatia. Será essa a única forma de conceber a pessoa com autismo?

Este trabalho busca apresentar uma visão sobre a pessoa com autismo à luz da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, a partir do caso de Temple Grandin, uma autista mundialmente conhecida e consagrada pelas importantes contribuições que tem oferecido à compreensão dessa síndrome, bem como a sua área de atuação profissional. Ao longo do texto, utilizar-se-á a nomenclatura autismo para se referir ao que hoje tem sido denominado como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), em consonância com a classificação apresentada pela quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-V (American Psychiatric Association, 2013).

VISÃO HISTÓRICA DO AUTISMO

Os estudos sobre o autismo foram iniciados em meados da década de 1910, pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, sob o nome de

esquizofrenia infantil, que caracterizava um grupo de crianças que apresentavam o que ele denominava de dissociação – eram crianças que estavam fora da realidade e viviam predominantemente uma vida interiorizada, sem se preocupar com o chamado mundo externo (Amy, 2001).

Na década de 40, Leo Kanner, um psiquiatra austríaco, dedicou-se ao estudo e pesquisa de crianças que “apresentavam comportamentos estranhos e peculiares, caracterizados por estereotípias” (Orrú, 2009, p.18), além da sua característica marcante, a saber, a grande dificuldade em estabelecer relações interpessoais. Em 1943, Kanner publicou *Alterações Autistas do Contato Afetivo*, onde descrevia o caso das onze crianças por ele estudadas e que apresentavam características de distúrbio de desenvolvimento, além de outras características marcantes, como incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma seqüência limitada de atividades ritualizadas (Kanner, 1943). No entanto, a característica que mais chamava a atenção era o alheamento em que viviam, desde os primeiros anos de vida, como se o mundo não existisse, conjuntamente com as habilidades especiais e uma memória excepcional.

Simultaneamente aos estudos de Kanner, o médico vienense Hans Asperger descreveu os casos de diversas crianças atendidas na Clínica Pediátrica Universitária de Viena, que foram publicados sob o título de *A Psicopatía Autista na Infância*. Contudo, devido ao período das

duas grandes guerras, o seu trabalho só ficou conhecido em meados da década de 80.

Pode-se considerar que tanto Kanner quanto Asperger descobriram a síndrome do autismo; porém, enquanto Asperger se preocupava mais com o aspecto educacional, Kanner se preocupava mais com questões clínicas. Além disso, tem-se a diferenciação entre os sujeitos das pesquisas, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da comunicação e da linguagem: os sujeitos da pesquisa de Kanner não haviam desenvolvido a linguagem comunicativa, enquanto que os de Asperger haviam desenvolvido a linguagem, além de que alguns deles eram também superdotados (Belisário Filho & Cunha, 2010).

As teorias de Kanner e Asperger foram reformuladas muitas vezes e abriram campo a muitos outros teóricos, que estudaram e escreveram sobre o autismo.

Até a década de 60, sob forte influência da psicanálise, acreditava-se que o autismo estava relacionado à ausência de afeto dos pais pela criança. Eram as mães que mais sofriam os estigmas da sociedade, devido à ideia de que não teriam dado o olhar, o afeto ao recém-nascido. Daí surgiram muitos nomes estigmatizantes, como “mãe geladeira” (Belisário Filho & Cunha, 2010, p.12).

Além disso, o fato de que as primeiras descrições sobre o autismo trouxeram a noção de que qualquer contato social, qualquer interferência no ambiente era penosa, acabou por reforçar o isolamento destes sujeitos, assim como o protecionismo (Belisário Filho & Cunha, 2010), o que hoje se sabe que é muito

prejudicial, pois as práticas sociais devem ser incentivadas.

As famílias foram as primeiras a perceber a importância do incentivo das práticas sociais. As primeiras escolas voltadas ao atendimento de crianças e adolescentes autistas surgiram por iniciativa de pais e responsáveis e só depois receberam apoio de entidades governamentais (Belisário Filho & Cunha, 2010).

A partir da década de 70, com o avanço das pesquisas em psiquiatria e psicologia, tem-se defendido que o autismo tem etiologia multifatorial, dando-se destaque às funções neurobiológicas envolvidas. Pesquisas atuais consideram a influência de fatores pré-natais (como alterações no sistema dopaminérgico durante a gestação), pré-disposição genética, além de outras peculiaridades em diversas estruturas cerebrais, como o córtex cerebral, o corpo caloso, o cerebelo e as amígdalas (Surian, 2010; Orrú, 2009).

DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DO AUTISMO

O autismo aparece nas fases iniciais do desenvolvimento; contudo, por falta de uma avaliação precisa, aliado ao fato de que a síndrome não se manifesta por sinais físicos característicos, seu diagnóstico é geralmente dado por volta dos dois ou três anos de idade, quando se espera que o processo de apreensão do mundo simbólico, a socialização e o desenvolvimento da linguagem se tornem mais expressivos.

O autismo é descrito na décima edição da Classificação Internacional de Doenças, CID-10, na categoria dos Transtornos Globais de

Desenvolvimento, isto é, grupo de transtornos caracterizados por alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e modalidades de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Estas anomalias qualitativas constituem uma característica global do funcionamento do sujeito, em todas as ocasiões (Organização Mundial de Saúde, 1993).

Além da CID, tem-se também o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM. Em sua quarta edição, o autismo estava classificado no grupo dos Transtornos Globais do Desenvolvimento, que incluía os seguintes transtornos: autista, de Rett, Desintegrativo da Infância, de Asperger e Global do Desenvolvimento sem outra Especificação. Este grupo se caracterizava por severos déficits e comprometimento global em múltiplas áreas do desenvolvimento, prejuízo da interação social recíproca, prejuízo da comunicação e a presença de comportamentos, interesses e atividades estereotipados (Associação Psiquiátrica Americana, 2002).

Nas últimas décadas, pesquisadores têm enfatizado que o autismo não se apresenta da mesma forma em todos os indivíduos; e, nesse sentido, é importante ressaltar a importância das contribuições de Lorna Wing, psiquiatra infantil. Ela observou que cada sujeito apresenta características diferentes dentro da tríade clássica de dificuldades: habilidades sociais, comunicação e interesses – dando, deste modo, a impressão de que há um espectro, que varia apenas em intensidade. Assim, faria mais sentido se falar em um espectro do autismo (Ministério da Saúde, 2013; Ozonoff et al,

2003). Essa ideia foi bem aceita pela comunidade científica.

Dessa forma, na quinta edição do DSM, utiliza-se a denominação Transtorno do Espectro do Autismo, que é caracterizado por prejuízos significativos em dois domínios: déficits persistentes em comunicação social e interações sociais em múltiplos contextos, e padrões de comportamento, interesses e atividades restritos e repetitivos (American Psychiatric Association, 2013). Sob essa nova e única nomenclatura, estão descritos os quadros anteriormente designados como Transtornos Globais do Desenvolvimento, com exceção da Síndrome de Rett.

Os prejuízos no domínio comunicação e interação social surgem em três aspectos, em diferentes intensidades: 1. Déficit na reciprocidade sócio-emocional – pode haver apenas uma abordagem social inadequada; ou pouca partilha de interesses, emoções e afetos ou, em casos mais graves, fracasso ao iniciar ou responder às interações sociais; 2. Déficit nos comportamentos comunicativos não verbais usados para as interações sociais – pode haver uma pobre integração entre comunicação verbal e não verbal; ou contato visual e linguagem corporal alterados ou, ainda, déficits em entender e usar gestos, total ausência de expressões faciais e comunicação não verbal; 3. Déficit em desenvolver, manter e entender relacionamentos – pode haver dificuldades em ajustar o comportamento para atender aos diversos contextos sociais; ou dificuldades em compartilhar jogos imaginativos ou em fazer amigos ou, ainda, ausência de interesse em pares.

Em relação ao domínio comportamentos, interesses e atividades restritos e estereotipados, pelo menos duas das seguintes características devem estar presentes: 1) movimentos motores, uso de objetos ou fala repetitivos ou estereotipados; 2) insistência em uniformidade, aderência inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal; 3) interesses altamente restritos e fixos, anormais em intensidade ou foco; 4) hiper ou hipossensibilidade à estimulação sensorial ou interesse incomum em aspectos sensoriais do ambiente.

Além disso, no diagnóstico é importante que haja as seguintes especificações, a fim de sinalizar quais as peculiaridades do sujeito diagnosticado com autismo: com ou sem prejuízo intelectual; com ou sem prejuízo na linguagem; associado ou não a uma condição médica ou genética ou com fator ambiental; associado ou não a outro transtorno comportamental, mental ou do neurodesenvolvimento; com ou sem catatonía.

É comum que muitas pessoas acreditem que todos os autistas não falam, ou tem deficiência intelectual, pois a maioria das pesquisas se volta de fato para estes sujeitos. No entanto, apenas uma parcela das pessoas que possuem esse transtorno tem deficiência intelectual; outra parcela pode apresentar, inclusive, altas habilidades e superdotação, como afirma Sacks (2006, p.248):

Mas, embora possa haver de fato um quadro devastador aos três anos de idade, alguns jovens autistas, ao contrário das expectativas, podem conseguir desenvolver uma linguagem satisfatória, alcançar um mínimo de habilidades sociais e mesmo conquistas

altamente intelectuais; podem se tornar seres humanos autônomos, aptos para uma vida pelo menos aparentemente completa e normal – mesmo se encobrendo uma singularidade autista persistente e até profunda.

Na próxima sessão, serão apresentadas algumas concepções centrais na Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, para que, posteriormente, seja discutida a compreensão da pessoa com autismo a partir dessa abordagem.

LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL DE VIKTOR FRANKL

A Logoterapia é conhecida como a terceira escola de psicoterapia de Viena, ao lado da psicanálise de Freud e da psicologia individual de Adler. É conhecida também como a terapia do logos, ou a terapia centrada no sentido, uma vez que concebe que o homem dirige a sua vida a partir do sentido, havendo a possibilidade de adoecimento psíquico se a sua vontade de sentido for frustrada (Lukas, 1989). Foi criada pelo psiquiatra austríaco Viktor Frankl, que viveu de 1905 a 1997.

A antropologia psicoterapêutica que a embasa é a Análise Existencial proposta por Frankl. Esta é concebida também como uma corrente de pesquisa e uma explicação da existência (Frankl, 2012). O termo Logoterapia e Análise Existencial tem sido utilizado para se referir a essa abordagem psicoterápica e todo o cabedal de concepções filosóficas, antropológicas e psicológicas que a fundamentam, possibilitando sua aplicação para além da esfera da psicoterapia.

A Logoterapia e Análise Existencial concebe que, entre os mundos do real e do possível, o ser humano vive a tensão entre o que é e o que pode vir a ser – o que abarca todas as possibilidades, aquelas que se incorporarão ao ser e aquelas que fluirão para o nada. Nesse sentido, o fluxo do tempo se orienta do possível para o real, guardando no passado as possibilidades incorporadas ao patrimônio de cada indivíduo (Pereira, 2013).

Cada experiência guardada no tesouro do passado foi marcada por uma escolha, uma escolha única feita em um momento único. Nesse caráter de algo único tem-se a noção de sentido, que é a pedra angular sobre a qual se sustenta a visão de homem e de mundo da Logoterapia (Pereira, 2013).

Segundo Frankl (1989), o sentido diz respeito a uma resposta única – dentre inúmeras possibilidades – proferida em uma situação também única, que é experienciada na concretude da existência única de cada indivíduo. O sentido é fundamental ao ser humano, pois através da realização do sentido os indivíduos passam a compreender a sua existência como justificada, como uma missão pessoal e inalienável (Fizzotti, 1996).

Contudo, segundo Pereira (2013, p.37), cabe uma ressalva:

Ao longo da história da humanidade, no entanto, situações semelhantes foram tomando lugar, e a realização de sentidos únicos foi mapeando uma ordem geral de sentidos, os valores.

Os valores, definidos como “significados universais” (Frankl, 1989, p.31), estão sujeitos à

influência das tradições, podendo ser transmitidos ou entrar em estado de obsolescência. O mesmo não acontece com os sentidos, que por serem respostas únicas e singulares, não podem ser separados de seu contexto, e muito menos transmitidos pela tradição: eles devem ser descobertos.

VISÃO DE HOMEM DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

A visão de homem da Logoterapia e Análise Existencial se sustenta sobre três pilares (Frankl, 2011; Lukas, 1989): a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida.

A liberdade da vontade é indispensável ao ser humano. A tradição psicológica por muito tempo obscureceu o elemento do livre arbítrio humano, através da ênfase aos condicionamentos ou às pulsões. Segundo Frankl (1978; 2012), esses elementos podem influenciar a dimensão psicofísica do homem, mas isso não se estende à dimensão espiritual, pois esta é incondicionada. Daí a concepção de que o homem, visto em sua totalidade, é condicionado, mas de forma nenhuma determinado.

O que, todavia, acentuamos é o fato de que o homem, como ser espiritual, não só se encontra colocado em face do mundo – interior e exterior – mas também toma posição em relação a ele; pode, de qualquer modo, sempre, ‘tomar posição’, ‘comportar-se’ perante o mundo, e este comportar-se é propriamente livre. O homem, em cada momento de sua existência, toma posição perante o ambiente natural e social, perante o meio exterior, como perante o mundo

interior vital psicofísico, o meio interior (Frankl, 1978, p.157).

Assim, a liberdade do homem é essencialmente para algo, pois o homem não é livre “de” pulsões, condicionamentos, herança genética, mundo circundante, mas é livre “para” escolher e se posicionar perante o mundo circundante.

É importante ressaltar que a liberdade se encontra associada à responsabilidade. O homem, dentro do seu espaço de vida, é insubstituível; nesse sentido emerge o caráter de responsabilidade associado à configuração da vida de cada um, em seu caráter de irrepetibilidade e unicidade. Assim, cada escolha – exercendo o caráter de liberdade da vontade – é permeada pela responsabilidade associada à ação ou à posição assumida.

A vontade de sentido é inerente à existência humana. Ela consiste, segundo Lukas (1989), em algo interior, que diz respeito a uma tendência para a realização do sentido, e em algo exterior, que diz respeito ao caráter significativo da situação. É importante ressaltar que, mesmo se a orientação para o sentido for reduzida, por senilidade, doença, entre outras causas que perturbem a percepção exterior, a percepção interior, a motivação primária, permanece preservada.

O sentido da vida diz respeito à expressão de que a vida tem um sentido, que é incondicional, não se perdendo de maneira nenhuma (Lukas, 1989). Segundo Frankl (1989), os sentidos nunca cessam, embora eles sejam mutáveis, por estarem relacionados às

situações; desse modo, a vida nunca deixa de ter sentido.

Para Frankl (1989), o ser humano encontra sentido na vida através da realização de valores. Ele se refere a três categorias de valores: os valores de criação, que estão relacionados à descoberta de sentido no criar uma obra ou no completar uma ação; os valores vivenciais ou experienciais, que estão relacionados à experiência de algo ou no encontrar alguém; e, quando não há possibilidade de criação nem de experienciar algo que vem do mundo, há ainda a possibilidade de encontrar sentido através dos valores de atitude, ou atitudinais. Nesse caso, o que importa não é mudar a situação, quando ela não pode ser mudada, mas mudar a si mesmo, em favor de uma atitude afirmativa da vida (Pereira, 2008).

O que importa e conta mais é dar testemunho do potencial, unicamente humano, que, em sua forma mais alta, deve transformar uma tragédia em um triunfo pessoal, deve mudar a situação difícil em que o indivíduo está em um sucesso humano (Frankl, 1989, p.33).

É importante ressaltar que o homem não é livre de suas contingências, mas é livre para posicionar-se diante delas, independentemente das condições que lhe sejam apresentadas. Esse posicionar-se, segundo Frankl (2011), pode ser descrito enquanto autodistanciamento e autotranscendência.

O autodistanciamento (Frankl, 2011) diz respeito à capacidade humana de distanciar-se de qualquer condição, ou de si mesmo, escolhendo uma atitude, posicionando-se. Ela

pode ser encontrada nas formas de heroísmo – como nos campos de concentração – e humor.

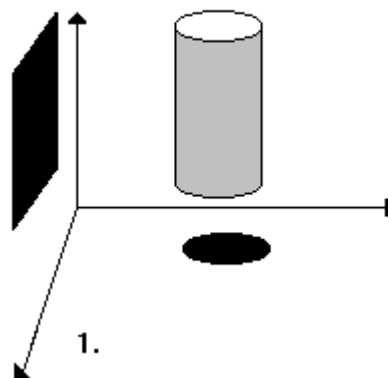
O homem também é capaz de transcender a si mesmo tanto em direção a um outro ser, no amor, quanto em busca de um sentido, através do órgão do sentido, a consciência (Fizzoti, 1996; Frankl, 2011). Frankl denominou esse fenômeno de autotranscendência. O amor é a capacidade de transcender a si mesmo, indo apreender o outro em sua genuína singularidade; a consciência, por sua vez, é a capacidade de transcender a si, buscando apreender o sentido em uma situação singular.

Frankl denunciava que, durante muitos anos, o reducionismo preponderou nas ciências, em especial na psicologia, ao sustentar-se em uma visão de homem que concebe este como “nada mais que um complexo mecanismo bioquímico, alimentado por um sistema de combustão que leva energia a computadores com prodigiosos recursos de armazenamento de informação codificada” (Frankl, 2011).

Muitos filósofos foram contra esta visão de homem. Entre eles, tem-se Nicolai Hartmann e Max Scheller, que propuseram um modelo de estratificação das dimensões humanas, onde haveriam três camadas ou estratos: a biológica, a psicológica e a espiritual. Em uma tentativa de também se contrapor ao reducionismo, porém, indo além do modelo de estratificação desses pensadores, Frankl expôs sua visão de homem a partir do que chamou de antropologia e ontologia dimensional, que leva em consideração as diferenças ontológicas e, principalmente, a unidade antropológica das referidas dimensões, e se funda em duas leis:

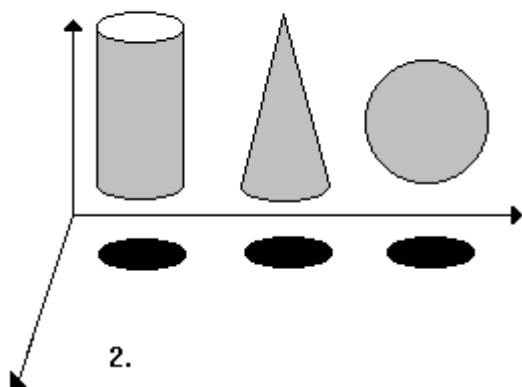
1ª Lei: “Quando um mesmo fenômeno é projetado de sua dimensão particular em dimensões diferentes, mais baixas do que a sua própria, as figuras que aparecerão em cada plano serão contraditórias entre si” (Frankl, 2011). Um cilindro tridimensional, projetado para os planos bidimensionais na horizontal e vertical, resulta em um círculo – no primeiro plano – e em um retângulo – no segundo plano. Essas figuras parecem díspares se consideradas isoladamente; mas deixam de ser contraditórias quando percebemos o objeto em si, ou seja, o cilindro (Figura 1).

Figura 1 Primeira Lei da Ontologia Dimensional



2ª Lei: “Quando diferentes fenômenos são projetados de suas dimensões particulares em uma dimensão diferente, mais baixa do que a sua própria, as figuras que aparecerão em cada plano serão ambíguas” (Frankl, 2011). Tem-se um cilindro, um cone e uma esfera (Figura 2); olhando apenas as circunferências, não restam dúvidas de que se tratam de três circunferências idênticas; as projeções não permitem que se perceba o que realmente há sobre as projeções, ou seja, o cilindro, o cone e a esfera.

Figura 2 Segunda Lei da Ontologia Dimensional



O que Frankl quis demonstrar com essas analogias?

Enquanto o ser humano for observado através das suas projeções físicas e psicológicas, a unidade do ser será perdida. É importante ver o homem em sua totalidade, em sua unidade e, principalmente, em sua singularidade.

METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado a partir da metodologia de *case*, ou “método do caso”, como pré-requisito para conclusão do Curso de Formação em Logoterapia e Análise Existencial do Instituto Geist, em São Luís-MA. Segundo César (2005), esse método é utilizado para fins pedagógicos, quando a intenção é permitir a análise, sob diferentes focos, de decisões tomadas. Para isso, é necessário que o caso envolva situações da realidade, assim como fatos, opiniões e outras informações associadas ao mesmo. Ou seja,

(...) um caso complexo pode ser construído de modo a apresentar situações reais que possibilitem que os alunos desenvolvam análise, discussões e que tomem decisões

finais quanto ao tipo de ações que deveriam ser desenvolvidas se estivessem atuando sobre a situação (César, 2005, p.10-11).

O caso deve envolver uma situação real, a fim de que o aluno possa se aproximar da realidade, além de separar os dados irrelevantes dos relevantes em uma situação de análise profissional. Além disso, o método de *case* é importante na medida em que propicia estabelecer uma relação entre a experiência do sujeito envolvido e a teoria que embasa a sua prática.

No presente trabalho, o caso estudado, cuja síntese está apresentada a seguir, foi elaborado com base em diversas fontes de dados biográficos da autista norte-americana Temple Grandin. A partir da discussão das vivências, escolhas e atitudes assumidas por Temple em diversas situações por ela vividas, buscou-se compreender a pessoa com autismo na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial.

Caso

Temple Grandin nasceu por volta de 1947, em Massachussets, nos Estados Unidos. Desde os seus primeiros meses, Temple já se mostrava diferente da maioria das crianças: aos seis meses começou a ficar enrijecida nos braços da mãe; aos dez começou a arranhá-la como um animal encurralado (Sacks, 2006). Por volta dos dois aos três anos, era hipersensível a sons, chegando a descrever os seus ouvidos como microfones desamparados que transmitiam tudo no mais elevado volume; tinha grande interesse por cheiros, além de ser impulsiva: quando frustrada, sofria de ataques de raiva violentos. Vivia submersa em um mundo caótico e desorganizado.

Contudo, assim como outras crianças autistas, logo Temple começou a desenvolver um alto poder de concentração e seletividade de atenção: podia ficar sentada na praia por horas, com areia escorrendo entre os dedos, fazendo montanhas em miniatura; ou então rodopiava, ou girava uma moeda – sempre muito absorta, como se não existissem mais pessoas ou um mundo ao seu redor (Sacks, 2006; Carpenter, n.d.).

Aos três anos de idade, Temple foi levada a um neurologista; a total ausência de fala, associada aos interesses estereotipados e ao aparente desinteresse em relações sociais levou ao diagnóstico de autismo grave, e o médico sugeriu que uma internação vitalícia seria necessária. Contudo, a mãe de Temple não permitiu que ela fosse internada, e insistiu em educá-la – se não fosse pelos meios considerados normais, que fossem pelos meios possíveis a ela.

Nessa mesma idade, Temple foi enviada a um jardim de infância para crianças com distúrbios ou algum tipo de deficiência, e foi sugerido a ela a terapia da fala. A partir desse momento, iniciou-se uma lenta emersão: apesar das características do autismo, agora, através da linguagem, ela possuía meios para compreender e ordenar o mundo de sensações e estímulos que antes lhe parecia um completo caos. Suas oscilações de humor e as peculiaridades do sistema sensorial começaram a se estabilizar. Aos seis anos, ela já possuía um acervo linguístico satisfatório, que possibilitou a ela lidar melhor com as características do autismo.

A inserção no mundo da linguagem foi crucial para Temple. Além de poder compreender e tentar ordenar o caos no qual

estava inserida, ela teve também acesso a um leque ainda maior de possibilidades. Atualmente, Temple é PhD em veterinária, especialista em neurociência e dá palestras pelo mundo todo sobre design de currais e matadouros e sobre autismo.

Na sessão seguinte, o caso da Temple será discutido à luz da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl.

TEMPLE GRANDIN DE MARTE À TERRA: A PESSOA COM AUTISMO SOB A ÓTICA DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

A priori, algo que chama a atenção é o fato de que, apesar do autismo e da previsão pessimista de que uma internação vitalícia seria necessária, Temple apreendeu a linguagem, conseguiu ser instruída e, atualmente, é conhecida mundialmente pelos seus desenhos e obras em matadouros e currais, além das palestras sobre autismo. Nesse sentido, é possível citar Lukas (1989), quando ela fala da vontade de sentido, a qual é inerente à existência humana. No início da sua vida, a percepção exterior se encontrava diminuída devido ao caos no qual Temple estava submersa; no entanto, a motivação primária permanecia preservada – o que foi observado quando, após a apreensão da linguagem, ela pôde realizar diversos valores.

As aquisições linguísticas de Temple lhe possibilitaram uma abertura ao mundo, ao contato com os outros. Ela começou a se dar conta de que era diferente das demais crianças. Desejava ter amigos, mas não sabia o que, em sua atitude, os afastava.

Algo se passava entre as outras crianças, algo rápido, sutil, em permanente modificação – uma troca de sentidos, uma negociação, uma rapidez de entendimento tão notável que por vezes Temple se perguntava se elas não seriam todas telepáticas. Hoje, já tem consciência da existência desses signos sociais (Sacks, 2006, p.272).

No início da adolescência, ela começou a desacreditar da ideia de que poderia ter uma vida “normal”, e desfrutar de sensações que são normais à maioria das pessoas, como o amor e a amizade. Aos quinze anos, em visita à fazenda de uma tia, Temple entrou em contato com alguns animais – cavalos e vacas, e isso lhe impactou: ela identificou-se com estes, por também pensar de forma visual, por se sentir sempre alerta, e, ainda, pela hipersensibilidade. O fato é que essa identificação guiou Temple rumo a modificações, tanto na forma de se perceber quanto na forma de perceber o mundo.

Segundo Frankl (1989; Fizzotti, 1996), quando não é possível dar ou receber algo do mundo, os indivíduos podem ainda tomar um posicionamento diferenciado em relação a sua situação. Nessa perspectiva, é possível perceber a mudança de atitude de Temple frente a uma situação imutável: a sua aparente inabilidade em fazer amizades. A mudança de atitude pode ser observada quando Temple não fica estagnada a uma única forma de identificação – com as pessoas, mas se abre para outras formas de relacionamento – com os animais. Observa-se que sua mudança de atitude, em favor de uma posição afirmativa da vida, representou a concretização de um valor atitudinal, possibilitando a realização de outros valores, os

vivenciais: no ato de amar e sentir-se amada pelos animais.

Durante a supracitada visita à fazenda da tia, Temple ficou fascinada pelas calhas afuniladas utilizadas para segurar o gado. Ela percebeu que as vacas ficavam muito tranquilas com a pressão exercida pela calha. Um dos seus professores de ciências levou o interesse dela a sério e a incentivou a criar a sua própria “máquina de segurar”, de modo que ela também pudesse experimentar a tranquilidade advinda da utilização da máquina. Deste modo, ele a guiou através de considerações sobre fazendas, biologia e outras ciências. Depois de algum tempo, e de muitas pesquisas, a sua “máquina de espremer”, tal como a denominou inicialmente, finalmente foi tomando forma:

O mecanismo tinha dois lados de madeira pesados e inclinados, talvez com um metro e meio por um metro cada, prazerosamente estofados com um enchimento espesso e macio. Eram ligados por dobradiças a uma prancha de base longa e estreita, criando uma calha do tamanho de um corpo e uma forma de V. Havia uma complexa caixa de controle numa das extremidades, com tubos muito resistentes levando a outro mecanismo, dentro do armário. (...) ‘É um compressor industrial (...) proporciona uma pressão firme porém confortável sobre o corpo, dos ombros aos joelhos (...) tanto uma pressão regular como variável ou pulsante, como você desejar (Sacks, 2006, p.263).

Com um mecanismo simples, Temple pôde ter acesso à sensação tranquilizante do abraço, tão desejada por ela, mas sem o contato humano, que tanto a aterrorizava. Além disso,

segundo Sacks (2006), ela consegue ainda alcançar um sentimento pelos outros – abrindo, deste modo, uma porta para o mundo da reciprocidade emocional que, de outro modo, estaria sempre trancada para ela.

Observa-se, então, a realização das três classes de valores: os valores atitudinais, na medida em que, frente ao medo de ser tocada por humanos aliado ao intenso desejo de ser tranquilizada, Temple decide mudar de atitude; os valores criativos, quando inventa a máquina; os valores vivenciais, quando ela experimenta a sensação de ser abraçada, além da compreensão de algumas emoções, como o amor e o carinho por outrem.

Através da criação da máquina do abraço, como ela denominou posteriormente, Temple pôde ter acesso à linguagem da ciência e da tecnologia. Diferente da linguagem social, utilizada no cotidiano, cheia de sutilezas e signos imperceptíveis, a linguagem científica, por ser objetiva, explícita e menos dependente de assunções tácitas, mostrou-se um campo aberto a possibilidades. Esta descoberta, aliada à percepção de que nunca poderia vir a ter uma vida normal, fez com que Temple chegasse a uma conclusão, dotada de resignação e dedicação: que ficaria solteira e faria da ciência e do trabalho a sua vida.

Se por um lado Temple ficava confusa no que diz respeito às relações sociais, por outro conseguia sentir empatia e identificação com os animais, devido à presença dos chamados sentimentos simples e universais, como a raiva, tristeza, alegria e, principalmente, o medo (Globo Comunicações e Participações S.A., 2010).

Entendo Nêmesis e Hibris’, ela disse. Mas constatei que o amor dos deuses não a emocionava – e a confundia. O mesmo ocorria com as peças de Shakespeare. Ficava desconcertada, ela disse, com Romeu e Julieta (‘nunca entendi o que queriam’), e Hamlet, com suas idas e vindas, deixava-a perdida. (...) Disse-me que podia entender emoções ‘simples, fortes, universais’, mas que ficava confusa com as mais complexas e os jogos em que as pessoas se envolviam. ‘A maior parte do tempo’, ela disse, “eu me sinto como um antropólogo em Marte. (Sacks, 2006, p.260).

A percepção de uma “humanidade” nos animais, obtida através da sua identificação com estes, aliado ao seu interesse pela ciência e tecnologia, fez com que Temple buscasse formas de tratamento mais humanizado, ou simplesmente menos cruéis, para os animais.

(...) falando de seus primeiros interesses em psicologia e comportamento animal, como estavam ligados à auto-observação e a um sentido de suas próprias necessidades como autista, e como isso foi associado à parte de visualização e engenharia em seu cérebro, levando-a a um campo especial que ela transformou em sua própria área de trabalho: a concepção de fazendas, pastos de engorda, currais, matadouros – vários tipos de sistemas para criação e corte de animais (Sacks, 2006, p.258).

O que ela mais se preocupava em evitar era o sofrimento e a tensão aos quais os animais eram submetidos antes do corte letal. Deste modo, desenvolveu um projeto de currais que diminui o estresse dos animais antes do abate: os animais caminham por uma rampa ligeiramente curva (aproveitando a tendência do gado de

andar em círculos), com paredes altas (que impedem os animais de ver aonde estão indo, além de evitar as distrações perturbadoras), por onde o gado caminha em fila indiana. No alto da rampa, os animais são levados, quase imperceptivelmente, por uma correia rolante que passa sob as suas barrigas; alguns segundos depois, o animal leva um tiro de ar comprimido no cérebro. Nem o tiro inesperado cria um estado de tensão nos animais, pois oito segundos depois de ser atingido o corpo do animal começa a liberar endorfinas, de modo que não há dor.

Na sua tentativa de humanizar a morte dos animais, Temple escreve também sobre a rotatividade de funcionários. Segundo ela, “ninguém deveria matar animais o tempo todo” (Sacks, 2006, p.281), pois as pessoas acabariam desenvolvendo uma dureza defensiva, e assim, tornariam uma atividade que deveria estar dotada de respeito e dignidade em uma atividade mecânica e rotineira.

A sua identificação com animais fez com que Temple fizesse um paralelo entre o tratamento dado aos animais e o que é dado às pessoas com deficiência. Por serem diferentes da “maioria”, as pessoas com deficiência, assim como os autistas, acabam sendo discriminados, tratados sem um mínimo de respeito e civilidade. No intuito de melhorar a situação dessas pessoas, Temple dá palestras também sobre o autismo, demonstrando que o autista possui potencialidades, assim como as demais pessoas (Grandin, 2010).

É possível observar que Temple se autodistancia da sua própria condição, do seu diagnóstico de autismo, supera limitações típicas desse transtorno, abrindo-se ao mundo, em

busca de um sentido maior, a saber, a humanização no tratamento de animais de corte. É possível identificar aí, também, a autotranscendência, quando ela se doa a um trabalho a fim de que os animais sejam mais respeitados – e, para além disso, que os deficientes e autistas possam também receber um tratamento mais humanizado. Ela se doou a uma tarefa em sinal de empatia, em sinal de amor pelos animais.

Temple se autodenominava um “antropólogo em Marte”, por ter dificuldades em sentir empatia pelos outros, pela sensação de diferença que ela vivenciava diariamente, como se estivesse fora do mundo das pessoas comuns, ainda que, paulatinamente, tivesse se tornado capaz de decifrar alguns códigos da comunicação e das relações sociais. O fato de Temple se considerar dessa forma denuncia a visão reducionista de pessoa que está presente nos espaços sociais, que só concebe as dimensões física e psíquica e não a noética. Visão essa que contribui para a concepção de que o autista é um não-sujeito, como tem sido difundido por algumas teorias psicológicas, o que acaba por influenciar o autoconceito das pessoas autistas, bem como a compreensão dos familiares e profissionais que lidam cotidianamente com elas.

Contudo, o que se observa no decorrer de sua história, é que Temple conseguiu acesso ao mundo propriamente humano, rico em possibilidades a serem escolhidas, o que parecia impossível a qualquer autista. Tomou decisões que refletiram em sua vida pessoal e profissional, assumiu posições livre e responsavelmente, de forma a se mostrar em sua unicidade,

autodeterminando-se, na medida em que determinava seus passos.

Deste modo, é possível questionar até que ponto ela é diferente de outras pessoas que não possuem autismo, uma vez que a sua capacidade de sentir compaixão, de se doar a uma causa, e de amar, permanece inalterada. Sob a ótica da Logoterapia e Análise Existencial, pode-se afirmar que aquilo que há de mais essencial à pessoa, sua dimensão propriamente humana, incondicionada, a espiritual ou noética, expressa-se genuinamente em Temple apesar de todo o condicionamento psicofísico. É possível perceber que a vontade de sentido está presente nela e se manifesta através da busca por realizar um trabalho significativo, através do qual dá sua peculiar contribuição ao mundo. Sua trajetória está repleta da realização de diversos valores, que preenchem sua vida de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão do caso de Temple Grandin, buscou-se refletir acerca de sua singularidade, apresentando uma visão mais totalizante e humanizada da pessoa autista. Considera-se que a Logoterapia e Análise Existencial pode ser utilizada como referencial para estudos sobre a pessoa com autismo, por ressaltar o caráter de unicidade e humanidade dos mesmos, além de lançar luz também sobre a responsabilidade e liberdade que são inerentes ao ser humano. Espera-se que este estudo abra espaço para que muitos outros sejam realizados, uma vez que a interface entre autismo e Logoterapia abre muitas possibilidades de pesquisa, de atuação profissional e de sentidos.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (2013). *DSM-V. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition*. Arlington, VA, American Psychiatric Association.
- Associação Psiquiátrica Americana (2002). *DSM-IV-TR: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Trad. Cláudia Dornelles. 4 ed. rev. Porto Alegre: Artmed.
- Amy, M. D. (2001). *Enfrentando o Autismo: a criança autista, seus pais e a relação terapêutica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Belisário Filho, J. F.; Cunha, P. (2010). *Transtornos Globais do Desenvolvimento*. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar. Brasília, 9 (9), p. 8-16.
- Carpenter, M. (s.d.). *Temple Grandin: my life in pictures*. Washington, D.C: HBO.
- Cesar, A. M. R. V. C. (2005). Método do Estudo de Caso (Case Studies) ou Método do Caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa de Administração. *Revista Eletrônica Mackenzie de Casos*. Recuperado de http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf
- Fizzotti, E. (1996). *Conquista da liberdade: Proposta da Logoterapia de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulinas.
- Frankl, V.E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Frankl, V.E. (1989). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. São Paulo: Santuário.
- Frankl, V.E. (2010). *A presença ignorada de Deus* (12a ed.). São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frankl, V.E. (2011). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Frankl, V.E. (2012). *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Globo Comunicações e Participações S.A. (Produtor executivo) (2010). *Globo Repórter: Mulher consegue vencer autismo com máquina do abraço nos EUA*. [Programa de televisão] Rio de Janeiro: Rede Globo de Comunicação.
- Grandin, T. (2010). *Temple Grandin: the world needs all kinds of minds*. In: TED – Technology, Entertainment, Design. Long Beach, California.
- Kanner, L. (1943). Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. In: Rocha, P. S. (Org). (1997). *Autismo*. São Paulo: Editora Escuta; Recife (PE): Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem.
- Lukas, E. (1989). *Logoterapia: a força desafiadora do espírito*. Métodos de Logoterapia. Santos, SP: Leopoldianum, Loyola.
- Ministério da Saúde (2013). *Linha de Cuidado para a Atenção Integral às Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo e suas Famílias no Sistema Único de Saúde: Série A. Normas e Manuais Técnicos*. Brasília, DF.
- Organização Mundial de Saúde (1993). *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Orrú, S. E. (2009). *Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: Wak Ed.
- Ozonoff, S; Rogers, S. J.; Hendren, R. L. (2003). *Autism Spectrum Disorders: a research review for practitioners*. 1.ed. Washington, United States of America: American Psychiatric Publishing.
- Pereira, I. S. (2008). *Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl*. *Psico*, 39 (2), 159-165.
- Pereira, I. S. (2013). *A Ética do sentido da vida: fundamentos filosóficos da Logoterapia*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Sacks, O. (2006). *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Surian, L. (2010) *Autismo: informações essenciais para familiares, educadores e profissionais de saúde*. São Paulo: Paulinas.
- Tamanaha, A. C.; Perissinoto, J.; Chiari, B. M. (2008). Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos de Autismo Infantil e Síndrome de Asperger. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 13 (3), 296 – 299.

Enviado em: 03/02/2014

Aceito em: 15/07/2014

SOBRE AS AUTORAS

Bruna Soares Pires. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (2014), formada em Logoterapia pelo Curso de Formação em Logoterapia e Análise Existencial - Instituto Geist.

Tatiana Oliveira de Carvalho. Diretora do Instituto Geist. Mestre em Psicologia - área Desenvolvimento Humano no Contexto Sócio-Cultural - pela Universidade de Brasília (UnB). Possui título de especialista em Psicopedagogia pelo Conselho Federal de Psicologia, formação em Logoterapia (UEPB) e em Dinâmica de Grupo (CDG-PE). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão (2001). Cursa Especialização em Educação Especial na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).